

Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão

(Methodology and research in psychoanalysis: a problem)

Márcia de Souza Mezêncio*

Resumo

O artigo propõe-se a discutir a especificidade da pesquisa em psicanálise, com base na constituição mesma de seu objeto. Discute a incompletude do saber como inerente à natureza do objeto, como também dependente da implicação do pesquisador no objeto pesquisado. A psicanálise argumenta que, se o sujeito é dividido, não se poderá construir um saber completo.

Palavras-chave: Função do desconhecimento; Ciência; Transmissão; Invenção.

A preocupação sobre a cientificidade da psicanálise nasce junto com ela. As indicações freudianas são recorrentes e dão conta da preocupação de Freud em inserir sua obra no contexto da produção científica de sua época. A ciência era seu ponto de referência e também de mira. Sua descoberta, no entanto, descortinou o que se pode chamar a inadequação do ser humano à pesquisa científica, uma tendência a recusar, a recalcar o saber. Podemos nos valer da psicanálise como instrumento, ou mesmo método, para pensar a ciência, para refletir sobre a busca de conhecimento que se converte em busca de uma verdade, tal como se coloca em seu horizonte, como objetivo a ser perseguido.

Ainda que se mantivesse atento aos parâmetros científicos de seu tempo, Freud foi levado, inicialmente, em razão da natureza do objeto de sua investi-

• Texto recebido em abr./04 e aprovado para publicação em jun/04.

* Psicóloga, aderente da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais; Mestre em Psicologia pela UFMG – área de concentração: Estudos Psicanalíticos. e-mail: marcia.mezencio@terra.com.br.

gação, ao princípio metodológico da simultaneidade do tratamento e da investigação, da clínica e da teoria.

Dessa maneira, um só e mesmo procedimento servia simultaneamente aos propósitos de investigar o mal e livrar-se dele, e essa conjunção fora do comum foi posteriormente conservada pela psicanálise. (FREUD, 1976/1924 [1923], p. 242)

Assim, na definição de psicanálise que apresenta em **Dois verbetes de enciclopédia** (1976/1923 [1922]), Freud estabelece a necessária vinculação do método de investigação ao procedimento terapêutico para a produção do conhecimento teórico da disciplina científica psicanálise. A idéia de que investigação e terapêutica são coincidentes está presente desde os usos iniciais da hipnose, modificada segundo o procedimento de Breuer, instrumento de investigação das causas dos sintomas e do simultâneo tratamento dos mesmos. Idéia que foi apresentada como uma descoberta incomum, “uma combinação notável” de “um método de pesquisa das neuroses” com “um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta” (FREUD, 1970/1913 [1911], p. 265). Um traço de definição e distinção da técnica da psicanálise e mesmo um de seus pontos favoráveis, ainda que sejamos advertidos, mais uma vez pelo próprio Freud, da chegada de um momento no tratamento em que a técnica exigida para a pesquisa se oponha à técnica exigida pela terapia.

Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos e assim tratados sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem-sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se os enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições. (FREUD, 1970/1912, p. 152)

Também em suas observações sobre o ensino da psicanálise nas universidades, Freud se refere à impossibilidade de sua transmissão integral em aulas teóricas, invocando a necessidade “para finalidades de pesquisa” de acesso ao material clínico, por meio de ambulatório ou hospital. Ainda assim, ele afirma que a “universidade só teria a ganhar com a inclusão, em seu currículo, do ensino da psicanálise” (FREUD, 1976/1919 [1918], p. 219).

Essa característica do método terminou por conferir uma dimensão de incabamento e de renovação constante ao edifício teórico da psicanálise, o que também teve como conseqüência uma série de “inovações” ou “desvios” que ele combateu vigorosamente em diversos momentos. Freud viu-se pressionado por duas séries de oposição: uma externa – “visto que a ciência oficial lançara um anátema solene contra a psicanálise e tinha declarado um boicote aos médicos e instituições que a praticassem” (FREUD, 1974/1914, p. 57) –, e outra interna, decorrente das variantes propostas por seus praticantes. Essa situação

levou-o à criação da Associação Psicanalítica Internacional – IPA –, “cuja função seria declarar: ‘Todas essas tolices nada tem a ver com a análise, isto não é psicanálise’” (FREUD, 1974/1914, p. 56-57).

Freud temia a popularização da psicanálise, não sua aplicação a campos diversos aos da prática médica, regiões em que ele próprio daria os primeiros passos, mas aplicações que amputassem a psicanálise do essencial, considerando que “embora a estrutura da psicanálise esteja inacabada, ela apresenta [...] uma unidade da qual os elementos componentes não podem ser separados ao capricho de qualquer um” (FREUD, 1994/1933 [1932], p. 137).

Internamente ao campo psicanalítico, as discussões em torno do tema proliferaram. Vemos que, ao lado da questão da cientificidade, se coloca também a questão de avaliar se tal ou qual pesquisa ou elaboração é psicanalítica ou não. Esse questionamento tem dois eixos principais. Relacionar as teses não freudianas, ou aquelas não avançadas no texto de Freud, com o corpus teórico já estabelecido da psicanálise, interrogando se seu conteúdo é coerente com tais pressupostos, sendo possível, então, considerá-las ortodoxas ou “heréticas”. O outro ponto é saber se foram obtidas e deduzidas segundo procedimentos reconhecidos como científicos, se são passíveis de verificação e replicação.

Tomemos como exemplo as discussões que tiveram lugar na Sociedade Britânica em torno das teorias de Melanie Klein, na primeira metade dos anos 1940 e que ficariam conhecidas na história da psicanálise como “As grandes controvérsias”. O embate direto entre Anna Freud e Melanie Klein tomou corpo na Sociedade Britânica de Psicanálise e envolveu discussões de caráter metodológico e científico. O registro desses debates, compilado e publicado por King e Steiner (1998), ilustra com clareza os dois eixos de discussão dessa questão da cientificidade do procedimento analítico.

No que se refere aos pontos que discutimos neste artigo, vamos destacar a contribuição de Winnicott¹ em tal debate. Ele afirma que Freud sempre foi além do objetivo terapêutico, ou seja, seu objetivo era inicialmente a busca da verdade, o espírito científico estava à frente de uma preocupação demasiada com o sucesso do tratamento.

O objetivo científico consiste em procurar cada vez mais a verdade. Eu ia dizer procurar sem temor, mas a questão do medo ou de sua falta deve ser deixada fora da definição. Nós, analistas, deveríamos saber melhor que os outros que algum temor da verdade é inevitável. Brincar de cientista pode ser uma boa brincadeira, mas

¹ Cf. *As controvérsias Freud-Klein 1941-45*, volume organizado por Pearl King e Riccardo Steiner. Winnicott faz sua comunicação em defesa de Melanie Klein na Segunda Reunião Executiva Extraordinária, no dia 11/3/1942.

ser cientista é difícil. Para os que estão na vanguarda da pesquisa científica deve haver dificuldades e perigos bem como uma infinita gratificação. A psicanálise é ainda uma parte da pesquisa de vanguarda, apesar da já considerável aplicabilidade de suas descobertas. (KING; STEINER, 1998, p. 111-113)

Winnicott discorre sobre as alternativas que se colocariam ao analista em lugar do objetivo científico. Considera que três seriam os caminhos possíveis: em primeiro lugar, a terapêutica, o anseio de curar; em segundo, a ambição pessoal por prestígio e reconhecimento, o sucesso profissional; em terceiro – o que pareceria mais próximo do objetivo puramente científico –, a exegese e a ortodoxia. Do seu ponto de vista, nenhum deles seria totalmente apropriado ao psicanalista e às suas sociedades científicas, cujo compromisso deveria ser com a verdade e a ciência, o que supõe, para além da ortodoxia, a continuação das pesquisas freudianas.

Esta busca da verdade é um ciclo de três fases: observação objetiva dos fatos isolados; construção e teste da teoria baseada nos fatos observados; e a extensão criativa da teoria aceita, visando à invenção de novos instrumentos de precisão que abrirão novos campos de observação objetiva. (KING; STEINER, 1998, p. 112)

Tais colocações têm todo o seu peso no contexto em que foram realizadas. As “Grandes controvérsias” tiveram caráter de passionalidade e sectarismo, que eram estranhos aos ingleses, adeptos de soluções de compromisso e acordos. Ainda que esse tenha sido o seu resultado final, inserindo todas as partes envolvidas no conflito, ou seja, acolhendo práticas díspares inspiradas por Anna Freud, Melanie Klein e ainda um terceiro grupo independente (Middle Groupe), garantindo-se uma unidade baseada em procedimentos técnicos padronizados, as controvérsias revelaram mais que as divergências científicas, isto é, um questionamento sobre a ciência, que é o que nos interessa abordar.

Parece-nos ingênuo tomar, tal como Winnicott o faz, o rigor da prática de observação isenta dos fatos, como garantia de um fazer científico. Ele mesmo parece saber dos riscos da verdade, sugere que lancemos mão da psicanálise como instrumento de verificação de seus limites, bem como dos limites da ciência. Pode-se tomar tal concepção como aceita e generalizada nos nossos dias. Estamos, no entanto, advertidos para não cairmos na armadilha do próprio instrumento, uma vez que o plano da verdade pode ser também identificado ao campo das crenças. Se não advogamos o cientista isento e objetivo, não defenderemos também o sectarismo de uma convicção preconcebida.

Entre os autores que mais se preocuparam em aproximar o rigor da psicanálise ao rigor de uma metodologia científica, Lacan se destaca, a nosso ver. Tomaremos algumas elaborações lacanianas para tirar conseqüências do modo

pelo qual Lacan retoma a discussão sobre a filosofia, a ciência e suas relações com a psicanálise, que é constante em seus trabalhos. Ele discute internamente questões como a função do desconhecimento na gênese do sujeito e, em consequência, do pesquisador. Após o surgimento da psicanálise, a consciência passa a ser uma ilusão enganosa, já que o sujeito não é transparente a si mesmo, e o seu conhecimento, modulado pela imagem do espelho, é insuficiente. Lacan elabora a constituição do sujeito, por ele denominada Estádio do espelho, como dependente e alienada. A criança reconhece sua imagem no espelho em um momento anterior à capacidade de integração dessa imagem como domínio corporal e motor. Esse reconhecimento é possível graças à palavra do adulto que indica a correspondência da imagem ao corpo da criança. Essa formulação lacaniana do narcisismo aponta para a disjunção eu/sujeito. O sujeito da psicanálise não é um sujeito do domínio, mas um sujeito dividido.

Do ponto de vista metodológico, a cura na análise vem por acréscimo, posição freudiana reiterada por Lacan. O que ele vai apontar como necessário, no plano da experiência, é colocar todas as perguntas (LACAN, 2004/1962-1963, p. 70). Isso não quer dizer que tudo possa ser dito. É necessário considerar que a ética que orienta a análise, sendo a ética do bem-dizer, remete ao saber inconsciente, em sua radical singularidade a cada sujeito. O que a psicanálise assim introduz no campo das verdades científicas é uma lógica do não-todo, ou seja, não trata de cobrir o real, tal como entendido pela ciência, mas se interessa pelo saber construído pelo sujeito em torno do real em jogo na análise, o real da inexistência da relação sexual, traduzida pelo aforismo “a relação sexual não existe”. Precisamos que real, simbólico e imaginário constituem os três registros da experiência teorizados por Lacan. O real não se confunde com a realidade, mas se refere a algo que resiste à tradução simbólica, o que sustenta a expressão de que o “real é o que não cessa de não se escrever”. Vetor de orientação da psicanálise lacaniana, que busca tratar o real pelo simbólico.

A lógica do não-todo responde pela articulação do campo da psicanálise, tal como apontado por Freud, apoiada no saber não-sabido (inconsciente) impossível de tornar-se inteiramente consciente. O não-todo significa que nem tudo é passível de ser simbolizado, que existe um real irreduzível. Lacan o articula valendo-se da inexistência, no inconsciente, de um significante da mulher, como consequência da elaboração freudiana de que a única representação sexual no inconsciente é fálica. Para elaborar essa lógica lacaniana, ele se vale da lógica modal de Aristóteles e de elementos da lógica formal. Está em jogo o universal da lei fálica, cuja sustentação se faz unicamente pela existência de uma exceção: o pai que faz incidir sobre todos as ordens da castração e do simbólico. O que Lacan vai demonstrar é que, ao efetuar pela norma fálica a divisão sexual dos

seres falantes, não se estabelece uma complementaridade entre os sexos, uma vez que, ao não existir o significante que represente a mulher, o homem somente poderá buscá-la como objeto. Do lado da mulher, resta ainda algo não simbolizado, não submetido a essa lei fálica – não-todo fálico, portanto.

Colocar todas as perguntas é, então, não recuar diante do impossível do real, é contornar o vazio do impossível de dizer. É, também, haver-se com o limite da verdade que é o recalque, isto é, o inconsciente impossível de recuperar todo, uma vez que a verdade em psicanálise só pode ser, por estrutura, meio-dita, e a totalidade uma ilusão. Partindo de todas as perguntas, visa-se a uma operação de singularização, chegar a uma única pergunta. Tal procedimento é característico de um processo de análise e está igualmente presente nas elaborações teóricas freudianas. Strauss (1994, p. 31-38) assinala que vários são os conceitos freudianos que passam por essa singularização. Freud passa dos sintomas ao sintoma, das transferências à transferência, das fantasias à fantasia fundamental.

Colocar todas as perguntas tem uma radicalidade própria ao saber da psicanálise. Em uma análise, se partimos das referências freudianas reafirmadas por Lacan, não se busca a cura, busca-se um saber, mesmo que o que se obtenha sejam pedaços de saber e que os efeitos terapêuticos não devam ser desconsiderados. É uma questão com o saber, pela via do amor ou do horror, que engaja o sujeito na análise. Podemos dizer que não é outra a questão que se coloca na proposta de uma pesquisa científica, ainda que para a ciência estejam também em jogo a verdade e o real, além do saber. O saber inconsciente tem o estatuto de uma articulação particular entre a verdade e o real, é contingente, tem estrutura de ficção e, como tal, pode enganar. A função do engano e do desconhecimento é fundamental, já que abre a brecha na qual o real pode emergir. Difere do saber científico que pressupõe um universal, que busca o ideal da precisão, e, assim, sutura a dimensão do engano, forcluindo o sujeito e sua singularidade (fantasias, gozo). O conceito de forclusão foi elaborado por Lacan a partir de *Verwerfung*, palavra alemã associada por Freud a um modo específico do não saber em jogo na psicose. A idéia de forclusão remete ao campo jurídico e indica um sujeito que não pode defender-se, visto que não tem registro simbólico. Em relação ao universal da ciência, a idéia de forclusão ressalta a exclusão do singular de cada sujeito, sujeito que não “cabe” nas definições identificatórias universais, que escapa, que é contingente. É necessário ter em mente que o sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente – ainda que identificado por Lacan ao sujeito da ciência – é indemonstrável, não-quantificável, é suposto.

Outro ponto que se deduz é que a pergunta é o método. Ou seja, a pergunta deve produzir as escansões e os recortes no objeto de estudo. Diz-se que uma

boa pergunta avalia um projeto de pesquisa e que toda pergunta traz, em si, uma resposta. Nesse ponto se apresenta uma distinção entre um trabalho de análise e um trabalho de pesquisa universitária, cujos limites não nos permitirão fazer todas as perguntas, conduzir a análise ao seu final, relançar a questão com o saber que produz um analista. Pode-se perguntar se não seria o contrário, no sentido de que uma pesquisa universitária está continuamente pressionada pelo fascínio de tudo saber, ao passo que na análise há um real a dirigir “todas” as perguntas. Não se trata, na análise, de desejo, mas de amor ao saber, cuja contrapartida é o horror da complementaridade impossível entre os sexos. O saber inconsciente deve ser inventado, não conhecido. A invenção não é solidária da lógica fálica. Do lado do “todo fálico”: $\forall x \Phi x$ (para todo x , fi de x) – conjunto fechado – situam-se criação, conhecimento e produção. É possível localizar aí a ciência e sua ambição de tudo saber e conhecer. Do lado do não-todo, de um conjunto aberto: $\nexists x \Phi x$ (não-todo x , fi de x) não-todo fálico – faz-se possível e necessária a invenção.

Esse saber, que não é transmissível, deve ser inventado, ao final da análise, valendo-se dos restos de verdade que essa produziu. Os relatos de passe – dispositivo de verificação de uma análise, inventado por Lacan e praticado nas escolas do Campo Freudiano – dão conta dessa invenção e apontam uma possibilidade de transmissão do que se pode produzir em uma análise.²

As construções teóricas são o resultado desse esforço de transmissão e invenção do saber em jogo na psicanálise. Constituem, ao lado do material clínico e da pergunta clínica, o objeto do trabalho visado em uma pesquisa universitária. O corte de entrada nas referências teóricas é feito pela delimitação da questão que se coloca pela clínica. Pode-se propor uma leitura retroativa: partir do ponto de chegada. Tomar as conclusões, o estado atual das formulações e fazer-lhe, então, todas as perguntas. Não se trata de pretender um saber completo. A psicanálise demonstra que qualquer tentativa de dizer toda a verdade está fadada ao fracasso. Há um furo no saber que advém de seu pressuposto básico: o sujeito da psicanálise, o sujeito dividido.

A boa-fé implica um laço entre saber e ignorância, no sentido do saber inconsciente, é o que permite sustentar a extensão da responsabilidade operada pela psicanálise. É-se responsável pelo que se diz, mesmo que incoerente, mesmo que não sabido, mesmo que inconsciente. Falar de boa-fé articula-se ao bem-dizer, que não pressupõe coerência ou possibilidade de tudo dizer. Não faz recurso à lógica para determinar a coerência ou determina a verdade do que

² Cf. MILLER, Jacques-Alain. *Le lieu et le lien*, Seminário de Orientação Lacaniana, realizado na Universidade Paris VIII – Departamento de Psicanálise, aula de 15/11/2000, do ano letivo 2000-2001, Paris, inédito.

é dito como depreendida dela. O bem-dizer não é da retórica, mas o bem-dizer adequado ao saber inconsciente particular de cada analisando. Não há um universal do bem-dizer, esse saber é contingente, não generalizável, saber do um a um. Na experiência analítica, operamos com o dizer e não com o escrito. Na ciência, o real é efeito do escrito, se consideramos a definição de Lacan de que a lógica é a ciência do real. O real da psicanálise é o impossível de escrever a relação sexual. Tomar a palavra em psicanálise coloca em jogo a transferência e a verdade – esta como efeito, aquela como resultado – e o que se revela é o saber implícito na linguagem: castração para Freud, impossível do sexo para Lacan. É o que a transferência busca suprir, manifestando-se como amor ao saber. A regra fundamental da associação livre suspende a necessidade da coerência, é uma permissão para ser incoerente que possibilita que a verdade buscada pela análise aí se possa produzir.

Pensamos que a pesquisa psicanalítica na Universidade deve valer-se da própria psicanálise como método. Uma metodologia do ensino e pesquisa em psicanálise não visa cobrir todos os pontos de uma vez, nem em fazer bonito, completo, coerente. Miller³ sugere que é necessário falar de boa-fé, ou seja, não se trata de repetir saberes estabelecidos, mas de reinventar a psicanálise baseando-se nos pontos de tropeço de cada um que se coloca em causa em relação ao saber. É possível orientar a pesquisa universitária com base nesse princípio de suspensão do saber e de invenção de um método coerente com o objeto em questão. “O trabalho acadêmico deve, assim, levar a interrogação teórica até um ponto de obstáculo ou até certo ponto onde um obstáculo pode ser vislumbrado. Esse ideal científico há de estar no horizonte” (PINTO, 1999, p. 76). Para esse autor

a pesquisa em psicanálise envolve, grosseiramente, dois momentos. O primeiro momento, praticamente vedado aos estudantes universitários, é o da pesquisa na situação clínica, já que ali não se trata de aplicação. O segundo momento é o da pesquisa teórica que visa refazer a montagem do aparato conceitual construído para que haja inteligibilidade do objeto. (PINTO, 1999b)

Do primeiro momento, o da pesquisa propriamente clínica em situação de análise, e que envolve analista e analisando, deriva o método clínico de pesquisa. Parte-se do método comum de fazer pesquisa científica, a pesquisa empírica, e utiliza-se do referencial da psicanálise e da escuta. Sobre o material produzido nesse primeiro momento, um segundo incide, o momento da pesquisa teórica. Momento em que se teoriza sobre os dados escutados. A psi-

³ Idem, aula de 22/11/2000.

canálise é, então, o “suporte teórico necessário à sua própria análise, enquanto produção teórica/verbal e a transferência modelo e instrumento de trabalho criativo da produção da verdade” (PINTO, 1999b). Um obstáculo, um impasse ou um tropeço coloca o pesquisador em trabalho de transferência ao texto escutado ou lido. As lacunas do texto levam às perguntas, e o método psicanalítico ensina que a verdade está aí e não na resposta.

Assim, para “manter a vocação científica da psicanálise”, é necessário adotar a estratégia de “aprimorar a delimitação de um problema de pesquisa ou uma indagação que questiona afirmações tomadas como verdades”. Busca-se evitar a citação e o dogma, a repetição doutrinária ou exibição de sabedoria. Ao referir-se ao seu método de ensino, no Seminário sobre a Angústia, Lacan revela suas reticências quanto às próprias excursões eruditas. Para ele a transmissão da psicanálise e seu método advêm de uma necessidade: “a verdade da psicanálise, pelo menos em parte, somente é acessível na experiência do psicanalista.” Ainda assim, e dadas as dificuldades de comunicação dessa experiência particular, o rigor do ensino e o da investigação são aí convocados, “porque a experiência psicanalítica deve ser ela mesma orientada, sem o que ela se extravia”. (LACAN, 2004/1962-1963, p. 282; tradução nossa)

Parafraseando Freud, do caminho só se poderá saber após começar-se a percorrê-lo. Dizer dele, apenas depois de concluído.

Abstract

The article is aimed at discussing the specificity of research in Psychoanalysis, as given at the very constitution of its object. It discusses the incompleteness of knowledge as inherent to the nature of the object, as well the implication of the researcher in the researched object. Psychoanalysis shows that from a split, divided subject no complete knowledge can be built.

Key words: Function of unknowing; Science; Transmission; Invention.

Referências

- FREUD, Sigmund. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 147-159. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XII).
- FREUD, Sigmund. (1913 [1911]). Sobre a Psicanálise. In: **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, p. 263-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XII).
- FREUD, Sigmund. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 16-82. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIV).
- FREUD, Sigmund. (1919 [1918]). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 217-220. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XVII).
- FREUD, Sigmund. (1923 [1922]). Dois verbetes de Enciclopédia. In: **Além do princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 285-312. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XVIII).
- FREUD, Sigmund. (1924 [1923]). Uma breve descrição da psicanálise. In: **O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVIII e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 237-259. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XIX).
- FREUD, Sigmund. (1933). Conferência XXXIV – Explicações, Aplicações e Orientações. In: **Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: 1994, p. 135-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, XXII).
- KING, Pearl; STEINER, Riccardo (Org.). **As controvérsias Freud-Klein, 1941-1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, Jacques. Le séminaire, livre X: L'angoisse. Paris, Editions du Seuil, 2004.
- PINTO, Jéferson Machado. Servidão ao saber e discurso do analista. In: FURTADO, A. *et al.* **Fascínio e servidão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 67-80.
- PINTO, Jéferson Machado. A instituição acadêmica e a vocação científica da psicanálise. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 12, v. 3, 1999b.
- STRAUSS, Marc. El síntoma en la cura. In: STRAUSS, M. *et al.* **La envoltura formal del síntoma**. Buenos Aires: Manantial, 1994, p. 31-38.